

## **UMA LEITURA DIACRÔNICA DOS SIGNIFICADOS DA CAPOEIRA SOTEROPOLITANA AO LONGO DO SÉCULO XX**

Carlos Ferreira da Silva Filho<sup>1</sup>  
Jessica Belon dos Santos<sup>2</sup>  
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar diacronicamente os significados associados à capoeira em Salvador/ BA. Para tanto, procuramos compilar a bibliografia que se ocupou do estudo da capoeira na cidade e interpretar sincronicamente o que representava, a partir destes escritos, a sua experiência na cidade a cada década do Século XX. Como resultado dessa análise observamos que o significado da capoeira no decorrer do referido século foi alterado de uma prática criminalizada, inclinado aos valores da desordem, para um discurso nacionalista que expressa valores da brasilidade através do ofício da roda e dos mestres de capoeira como patrimônio da cultura nacional. A experiência da cultura popular da capoeira ao longo do Século XX trouxe como consequência sua presença em todas regiões da cidade.

**Palavras-chave:** Capoeira. Interpretação da Cultura. Espaços Urbanos.

### **Introdução**

A capoeira é um dos elementos da cultura brasileira. Podemos incluí-la no acervo da sua “cultura popular”, aquela originária do seu povo, vista como um valor inferiorizado em relação a “cultura erudita”, aquela mais inclinado com os códigos civilizatórios europeus. Desprivilegiadas em um primeiro momento por não terem nascidos no berço da Casa Grande, as práticas originárias deste âmbito passaram a ser ressignificadas, a partir de um olhar sensível ao seu potencial para a interpretação da cultura que orienta os valores da vida em sociedade.

De acordo com Pedro Abib (2007) capoeira enquanto elemento da cultura popular, é considerada como símbolo da recusa às regras impostas pelo colonizador e o combate à passividade desde o seu surgimento. Na Bahia, o enfrentamento exercido pelos capoeiristas do século XX, popularmente representam atos heroicos e evidenciam a manifestação da capoeira na qualidade de uma prática responsável por confrontos extremamente perturbadores para o Estado. Atos que designaram disputa territorial e afirmação de identidade social nos espaços urbanos.

---

<sup>1</sup> Mestrando PPGE – UFBA. E-mail: carlosferreirafilho@gmail.com.

<sup>2</sup> Bolsista PIBIC MS - UFBA. E-mail: jeubelon@gmail.com.

<sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia. E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

A compreensão simbólica da capoeira passa pelos significados culturais associados a ela. Neste sentido, tida como um produto da cultura, justifica sua interpretação à luz Clifford Geertz que defende um argumento essencialmente semiótico (com ênfase no significado da comunicação). Para Geertz (2017) o ser humano é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo, “[...] *assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado*” (p. 4). Partindo do ponto que o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano enquanto sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, o autor relata que a cultura é interpretada como um contexto em que os acontecimentos sociais podem ser descritos de forma inteligível.

Nesse sentido, Clifford Geertz (2017) ressalta que o conceito de cultura tem impacto direto no conceito do ser humano, pois, diante a um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, a cultura fornece vínculo entre o que as pessoas são intrinsecamente capazes de se tornar e o que elas realmente se tornam. A partir desta orientação teórica temos o potencial da capoeira para a compreensão simbólica dos diferentes significados associados a ela na cidade. *Mas como este elemento da identidade soteropolitana foi se incrustando à cultura popular da cidade?*

A fim de responder a esta pergunta, o objetivo deste artigo é analisar diacronicamente os significados associados à capoeira em Salvador/ BA a partir do início do Século XX. Para tanto, procuramos compilar a bibliografia que se ocupou do estudo da capoeira na cidade e interpretar sincronicamente o que representava, a partir destes escritos, a sua experiência na cidade a cada década do Século XX.

## **Aspecto panorâmico da capoeira na Salvador do século XX**

### **Antecedentes: A capoeira no final do Século XIX**

Segundo Abreu (2005), à medida que o século XIX avançava as pessoas escravizadas gozavam de uma certa liberdade de movimentos pelas ruas não só para exercer o trabalho, mas também para participar de algumas festas e lugares públicos para professar sua religião, praticar o jogo da capoeira, cantar e realizar seus batuques. Logo, tratava-se de um processo que decorria simultaneamente com o relaxamento das regras da escravidão e com intensificação das manifestações culturais nas ruas de Salvador. O

porto exigia serviços pesados executados tanto pelos escravizados quanto pelos libertos, que também mercavam nas feiras livres e mercados no bairro comercial integrando o sistema de comércio de Salvador, caracterizando a vida da Cidade Baixa inserida na transformação urbana da cidade que acontecia em convivência com escravidão.

Todavia nas definições do movimento de reforma e higienização do espaço urbano, multiplicavam-se as reclamações moralistas, acirrando a repressão policial não apenas contra a capoeira, mas para todas as práticas culturais afro-brasileiras já na primeira metade do século XIX. “O código de postura da cidade revela que em 1831, a Câmara Municipal de Salvador proibia os ‘batuques, danças e ajuntamentos em qualquer hora e lugar, sob pena de oito dias de prisão’” (PIRES, 2004, p. 38). Nesse sentido, o significado da prática da capoeira no decorrer do século XIX, atrelava-se ao “batuque”, que podia representar diversas expressões culturais que de acordo com o autor, em de 1837 no prosseguimento as proibições, as autoridades aumentaram a pena para 15 dias de reclusão e oito mil réis de multa pela prática de manifestações configuradas com essas expressões.

No final do século XIX, com a tardia abolição da escravidão e a proclamação da República no Brasil, inicia-se uma nova fase de perseguição à capoeiragem, a qual é legitimada através do decreto nº 847 de 1890 (Código Penal Brasileiro)<sup>4</sup>, que trazia em seu Capítulo XIII “DOS VADIOS E CAPOEIRA” a criminalização dos indivíduos que não tivessem profissão ou meio “lícito” de ganhar a vida (Art. 399) e daqueles que realizassem nas ruas e praças públicas atividades relacionadas à capoeiragem (Art. 402). Existia uma clara relação atribuída entre a vadiação e a capoeiragem, ambas eram práticas que remetiam ao recente passado que o Brasil queria esquecer, a escravidão. Portanto, esta criminalização fazia parte do processo higienista que visava limpar as ruas do país dos resquícios deste vergonhoso passado.

### **1900 a 1910: a capoeira e a classe trabalhadora**

Sobre a capoeira na Bahia no começo do século XX, o estudo de António Liberac Pires (2004) tem por objetivo comprovar a presença da manifestação no cotidiano do trabalho urbano. Ou seja, consta de um período no qual os capoeiras desempenhavam um papel fundamental na formação das classes trabalhadoras, agrupando indivíduos no local de trabalho, nos bairros e nas ações de classe:

---

<sup>4</sup> <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

*Em um total de 92 processos selecionados como representantes da cultura da capoeira, tivemos uma maioria de 38% de pessoas que exerceram ofícios de rua como ganhador, vendedor ambulante, carregador etc. Em segundo, aparecem os artesãos com 18,5% do total. Os marítimos possuem uma grande representação nesse seletivo grupo de capoeiras, já que somam 13% do total. Ainda aparecem os trabalhadores do comércio, os trabalhadores domésticos, os rurais, os policiais, estudantes, militares e funcionários públicos, porém em uma menor escala. (PIRES, 2004, P,103).*

O quadro apresentado retrata a investigação do historiador, demonstrando o cotidiano dos capoeiristas no começo do século. “A documentação coligida permitiu observar o lugar social de alguns grupos que viveram na cidade de Salvador nas primeiras décadas do século XX” (PIRES, 2004, p. 105). São informações e estatísticas que constam nos processos selecionados pelo autor.

Já nos apontamentos de Antônio Viana (1884) juntamente com os apontamentos de Manuel Quirino (1916), encontram-se relatos que tratam a capoeiragem do começo do século XX, como uma atividade de descontração ao narrar as vésperas da Festa da Conceição da Praia, onde predominava a liturgia, o panorama dos aspectos festivos, a feira dos comes e bebes os sambas e batuques. Os relatos de Antônio Vianna também apresentam a capoeira com frequência nos ambientes de conflito. “*Capoeiras de Outrora! Bravos remanescentes da Bahia simples! Depositários da nobreza e da agilidade*” (p. 155). Os capoeiristas são enaltecidos pela bravura, agilidade e representatividade.

Resume-se que na primeira década do começo do século XX, as análises revelam o imbricamento da cultura da capoeira com o mundo da ordem e da desordem no campo das classes trabalhadoras, isto significa, nos hábitos cotidianos dos trabalhadores e serviram para demarcar hierarquias sociais, abrangendo as pessoas que por algum motivo tiveram vivências nas ruas de Salvador.

### **1910 a 1920: sociabilidade e diversão no contexto da capoeira**

A partir da década de 1910, com o movimento de reforma da capital baiana, multiplicaram-se as reclamações moralistas da imprensa contra as festividades públicas, principalmente aquelas que lembravam os costumes culturais africanos. Um desejo claro e notório de controlar a classe popular soteropolitana, reprimir os batuques e coagir todo poder ao trabalho. Muitos dos trabalhadores/capoeiristas citados por Pires (2004) no cotidiano do trabalho urbano, possuíam um ritmo bem irregular, o que lhes

proporcionavam períodos de ociosidade entremeados por momentos de diversão vividos muitas vezes na prática da capoeira.

Sendo assim, na leitura do contexto social da capoeira entre os anos de 1910 e 1920, Adriana Albert Dias (2004) atenta para um período em que alguns espaços de locação de serviço, descanso e espera de algum trabalho, também eram ambientes de sociabilidade e de brincadeira. Pois apesar dos relatos jornalísticos da época estarem mais direcionados para a violência que girava em torno desses agentes culturais, o universo dos capoeiristas era um espaço de alegria, de samba e batucada. Mesmo na eminência de serem reprimidos, esses agentes culturais reuniam-se em largos e praças para praticarem seus jogos/lutas e compartilhar experiências. O Cais do Porto também foi uma região por onde a manifestação se espalhou ao longo do século XX, e nos momentos de oscilação da maré para adequação dos embarques e desembarques das mercadorias, a capoeira encontrava-se entre as atividades de ocupação do tempo para os trabalhadores.

As ruas de Salvador de acordo com Dias (2004) eram palcos de arruaças e brincadeiras contínuas de uma prática cultural que estava presente na identidade social dos baianos. E mesmo que alguns códigos culturais tenham entrado na elite, é possível afirmar que durante esse período na República Velha, a capoeiragem baiana era uma manifestação de rua predominante popular e com fortes elementos da cultura negra.

Logo, entende-se que o Cais do Porto foi um importante território para o espalhamento da capoeira no transcorrer do século XX. E na socialização nos espaços citadinos a arte/luta enfrentou severa repressão frente ao processo de modernização da cidade de Salvador, configurando-se como um ponto de resistência sociocultural ao processo de exclusão e desumanização das classes mais desassistidas da sociedade.

### **1920 a 1930: as ruas enquanto os territórios sociais da capoeira**

Considerando que a década de 1920 insere-se no recorte temporal da primeira metade do século XX, cogita-se que foi um período no qual os capoeiristas enquanto agentes sociais das ruas e integrantes de grupos das camadas populares protagonizaram suas histórias percorrendo os becos, as vielas e os botequins demarcados no espaço das freguesias que constituíam a Salvador antiga. Para Oliveira (2005) as ruas tinham dinâmicas diferenciadas durante o dia era situada pelo trabalho e agitação dos transeuntes, já pela noite era privilegiada para a diversão do trabalhador marcada pelos pontos de encontro entre os trabalhadores numa dinâmica de sociabilidade no espaço urbano. Entre

as atividades que contextualizavam a diversão dos soteropolitanos, estavam as práticas corporais que incluíam interesses físicos, artísticos, intelectuais e sociais. E a capoeira apresenta-se como uma prática corporal de raízes afro-brasileiras inserida no contexto das práticas de diversão popular dos baianos.

### **1930 a 1940: a capoeira nos espaços institucionais**

A década de 1930 é considerada como um período de consolidação do universo cultural afro-brasileiro. Nesse diálogo, propomos parafrasear Jeferson Bacelar (2001) que deu destaque para o início dos anos de 1930, quando ocorreu um processo de revalorização da cultura africana na Bahia, onde já estava firmado um mundo africanizado nos candomblés, no carnaval, nas festas religiosas e profanas, na medicina popular, na culinária, nos sambas e capoeiras. Diante disso, um novo elemento seria adicionado ao caso baiano: uma vanguarda intelectual destacando-se Edson Carneiro, Artur Ramos, Jorge Amado e outros, dando início a um discurso laudatório da contribuição africana para a formação da cultura baiana.

Com a mudança do panorama sociocultural de Salvador no começo dos anos 30, a capoeira passa a ocupar também os estabelecimentos fechados, emergindo novas formas de organização da manifestação e novos processos educativos de transmissão de saberes. Se torna importante também destacar, que entre os fatos registrados pela crônica da capoeiragem no decorrer da década de 1930, estava a realização das lutas de capoeira no ringue em 1936, entre as quais Mestre Bimba brilhantemente sagrou-se campeão baiano. Segundo Abreu (1999):

*No ringue do parque Odeon da Sé, Bimba escreveu as 'letras' da sua glória como lutador de capoeira. Além dele, outros capoeiristas renomados como Aberrê, Vitor H. U., Zeí, Henrique Bahia, Manoel Rosendo – da Angola e da Regional – juntos com lutadores de outras modalidades propiciaram 'combates vivamente aguardados' amplamente cobertos pelos jornais baianos da época que renderam muita polêmica e comentários" (p. 44).*

No avanço da dinâmica de projeção da capoeira nos espaços institucionais, Luís Renato Vieira (1995) estabelece uma relação entre a política vigente na conjuntura do país ao longo do período supracitado e o contexto da capoeira. O sociólogo declara que com as mudanças nos ideários da política brasileira no Governo de Getúlio Vargas, principalmente no transcorrer do Estado Novo iniciado em 1937, foi estabelecido uma ampla estratégia de legitimação junto às classes trabalhadoras de uma intensa defesa do

nacionalismo. Um panorama que coincide com a emergência do Mestre Bimba e do Mestre Pastinha no cenário cultural brasileiro.

Ao tratar sobre a relação entre o panorama educacional brasileiro na era Vargas e o contexto sociocultural da capoeira, Vieira (1995) declara que a educação sofreu significativos processos de adequação às novas características da sociedade. Orientou-se pelo espírito pragmático contido no método de industrialização em andamento, e num intenso crescimento de apropriação do ethos popular por parte do Estado. Segundo Vieira (1995):

*Foi nesse ambiente político que Mestre Bimba emergiu como líder capaz de traduzir para os códigos da capoeira, em suas diversas dimensões (gestuais, rituais, musicais etc.), o espírito da disciplina e da eficiência que marcava a sociedade brasileira na época. Pode-se afirmar que a história da Capoeira Regional, no início da década de 30 até meados da década de 50, é a história da aproximação de Mestre Bimba com as instituições oficiais e seus representantes (p.70).*

Considerando a teoria de Vieira, o contexto da capoeira a partir dos anos 30 sofre forte influência da ideologia implantada no regime político diante ao encadeamento de aproximação com a cultura popular. O movimento nacionalista no campo da arte e da cultura, proporcionou um significativo processo de cooptação de artistas de origem popular e da apropriação de seus produtos culturais por parte das camadas médias da sociedade. Um processo que simbolizou a subtração da prática da capoeira do código penal, potencializado pelas formas de como as camadas subalternas absorveram as estratégias populistas do Governo de Getúlio Vargas. Isso se coloca na transformação da capoeira em uma expressão da cultura nacional passando a ser utilizada na área da educação popular para desenvolvimento da brasilidade.

### **1940 a 1950: o significado da capoeira aos domingos**

O começo dos anos de 1940 é marcado pela inauguração do CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola) do Mestre Pastinha, um fato ocorrido em 1941, ampliando o modelo de organização popular que historicamente solidificou as iniciativas de formação de capoeiristas. Todavia com a propagação da capoeira nos estabelecimentos fechados, conseqüentemente no percurso de expansão da arte/luta pela periferia da cidade, emerge o Barracão do Mestre Waldemar. Um fato que potencializa os pontos de encontros e animação de capoeiristas já estabelecidos nos festejos populares. O Barracão encontrava-se localizado na avenida Peixe no bairro da Liberdade nas terras do “Corta Braço”. Sobre o topônimo, James Amorim Araújo (2010) em tese de doutoramento

explica que o ano de 1946 marca o início de sistemáticas ocupações em Salvador e o bairro do Pero Vaz se chamava de Corta Braço.

Salienta-se que apesar do difícil acesso e das adversidades para os que não moravam no Corta Braço, o “Barracão do Mestre Waldemar”, foi capaz de atrair turistas, estudiosos, intelectuais, artistas, folcloristas e jornalistas, configurando-se num centro cultural de referência nacional e internacional. E ilustremente entre as pessoas que se faziam presente em muitas oportunidades estavam: Jorge Amado, Pierre Verger, Mario Cravo, Eunice Catunda, Alceu Maynard, Oneida Alvarenga, Odorico Tavares, Carlos Ott, Caribé, e outros que frequentaram as rodas da Liberdade e foram recebidos de forma diplomática pelo Mestre Waldemar (ABREU, 2003).

Na década de 1940, se estabelece um recorte temático espacial proporcionado pelas fotografias de Marcel Gautherot, um arquiteto francês com aguçada sensibilidade com as expressões da cultura popular negra no Brasil. As fotografias comentadas e analisadas por Castro Junior tornam-se fontes para a compreensão dos movimentos da capoeira valorizando os detentores mestres da manifestação cultural que se expressa como jogo, dança, luta, arte, ancestralidade, tradição, recriação e patrimônio:

[...] “*Em Salvador, Gautherot mergulhou na ambiência das festas populares, carnaval, Segunda Feira Gorda da Ribeira, procissão do Senhor dos Navegantes, lavagem do Senhor do Bonfim e Festa de Iemanjá no Rio Vermelho. Os lugares de trabalho, a feira de Água de Meninos, a região do Mercado Modelo e adjacência, ambulantes, carregadores, vendedores de acarajé, puxada de rede do xaréu*” (CASTRO JUNIOR, 2018, p.28).

A região portuária de Salvador, desde o período colonial além das relações econômicas internacionais que já existiam com as trocas comerciais, acolheu todo o fluxo de pessoas e mercadorias que transitavam do recôncavo baiano para a denominada “cidade do porto”. No início do século XX, a área portuária já tinha sido urbanizada e nas imediações do antigo Cais do Ouro como era chamado popularmente, por volta de 1940 foi construída a Avenida Jequitaia cortando parte da Praça Teodoro da Fonseca e demolindo parte da frente do Mercado do Ouro.

Resume-se que diante do contexto sociocultural da capoeira potencializado com o surgimento de outros pontos de encontros principalmente nos dias de domingo no decorrer da década de 40, se faz necessário compreender a manifestação enquanto prática social em um determinado período da história corroborando sua valorização no fluxo de expansão pela cidade.

### **1950 a 1960: entre o institucional e o popular**

Nos anos de 1950, a institucionalização da capoeira e o prolongamento das mudanças ocorridas na sociedade dinamizaram o seu contexto sociocultural e o seu projeto de expansão pela metrópole. O Barracão do Mestre Waldemar dava prosseguimento ao ambiente de diversão que se sucedia nos encontros de domingo, as rodas de capoeira acontecidas nos festejos populares caracterizavam-se como prolongamento das chamadas domingueiras organizadas pelos capoeiristas em outros territórios nos quais aos domingos e feriados o samba, a capoeira, o dançar o brincar eram os afazeres que intensificavam as práticas de diversão.

Se torna importante destacar que as fotografias do Marcel Gautherot que também retrataram os anos 50, e que além de revelar as expressões imateriais nas ruas de Salvador, não se restringiram apenas a uma localidade específica das rodas de capoeira, evidenciaram por exemplo o Cais do Porto, uma região na qual evocava-se a relação ténue entre o trabalho, a folga, a ocupação do tempo livre e remetendo um outro olhar para os festejos populares. *“Portanto, todas essas situações de territorialidade fotográfica privilegiam a presença da capoeira no espaço público numa época em que já existiam as chamadas escolas e/ou centros de capoeira na cidade”* (CASTRO JUNIOR, 2018, p. 41). As rodas de capoeira ocorriam nos lugares consagrados de uma cultura portuária nos intervalos do trabalho que sobreviviam entre uma empreitada e outra. Sendo assim toda região marcada pelo Mercado Modelo, Cais do Porto e a Feira de Água de Meninos era considerada zona portuária de Salvador, e configuravam-se em espaços ocupados pelos famosos capoeiristas da época.

Para resumir o contexto da capoeira na década de 1950, destaca-se o processo de afirmação nos espaços institucionais e a presença da manifestação nas periferias da cidade enquanto alicerce cultural ancestral, significando resistência cultural e sobrevivência, evidenciados nos procedimentos de socialização entre os praticantes da capoeira em territórios de luta e diversão na geografia de Salvador.

### **1960 a 1970: a capoeira e a indústria do turismo em Salvador**

Entre as décadas de sessenta e setenta do século XX, o turismo vai ocupar um espaço de destaque nas políticas públicas tanto em nível estadual como municipal. A organização do turismo em Salvador ocorreu a partir de um conjunto de medidas cuja intenção era atender e fomentar nacional e internacionalmente a demanda turística da

cidade. Esse é um aspecto também destacado no campo oposto em relação à cultura, sendo assim, Waldeloir Rego foi o primeiro a denunciar o elemento do turismo na Bahia como agente responsável por uma série de modificações na estrutura básica da cultura popular.<sup>5</sup>

De forma semelhante, Castro Junior (2010) aponta a relativa fluidez da participação dos mestres de capoeira junto à efervescência do turismo, o que resultou em múltiplos entraves, disputas e interesses. Pois a indústria do turismo para os capoeiras, constou de um envolvimento que se constituiu singularmente na engrenagem do sistema para atender aos interesses de mercados do setor.

Nesse sentido, argumentando sobre a relação entre o turismo e a capoeira, Frederico Abreu inspirado nos manuscritos do Mestre Noronha, também se coloca criticamente em relação ao impacto do turismo na capoeira. *“As exigências desse mercado, o afã da concorrência e a inexperiência dos capoeiristas e mestres negros frente a situação terminaram por comprometer o andamento cultural das academias; muitas delas usadas preferencialmente em palcos para shows folclóricos”*<sup>6</sup>. A complexidade com que as relações se construíam impactavam as relações entre os capoeiristas nas disputas de espaços adquiridos e considerados como legítimos à época para garantir uma certa hegemonia.

Já o estudo de Leandro Accordi (2019) anuncia a prática da capoeira na periferia de Salvador na década de 60, evidenciando os deslocamentos de capoeiristas em um ambiente geográfico periférico. Uma época que marca o início da segunda metade do século XX, evidenciada a partir dos relatos do Mestre Nô! Os deslocamentos representavam uma estratégia de sobrevivência no cotidiano da periferia da metrópole. Todavia, bairros como Massaranduba, Jardim Cruzeiro, Uruguai, Lobato e outras regiões da periferia, ajustavam-se em territórios ocupados pela capoeira que aparecem muito pouco quando se conta a história da capoeira na cidade.

Por fim entende-se que o significado da capoeira durante os anos de 1960, relacionava-se a incorporação da indústria do turismo como mais uma alternativa econômica, ampliando a visibilidade nos espaços da sociedade principalmente na

---

<sup>5</sup> Artigo publicado em 1963. REGO, Waldeloir. Um calendário de Festa Nagô na Bahia. Salvador, 29/9/63, 2o caderno, p. 2.

<sup>6</sup> ABREU, Frederico. O ABC da capoeira: os manuscritos do Mestre Noronha / Daniel Coutinho. Brasília, DF: CIDOCA/DF, 1993. p. 113.

projeção de capoeiristas para atuarem profissionalmente nos Estados Unidos e países europeus. Porém a indústria do turismo comprometia a transmutação dos códigos ritualísticos da capoeira e intensificava a invisibilidade da manifestação na periferia de Salvador.

### **1970 a 1980: capoeira, esporte ou cultura?**

Um outro fenômeno hegemônico que vai se articular com a indústria do turismo é a “esportivização” da capoeira. Na cidade de Salvador, as estratégias para esportivizar a capoeira foram protagonizadas pelo Mestre Carlos Senna e tomam fôlego nos anos de 1970. Daí em diante, começam as competições com a presença de agremiações exclusivamente do âmbito da arte/luta, mudam-se totalmente as formas de procedimentos, criam-se regulamentos, organizam-se campeonatos e constituem-se entidades responsáveis pelo gerenciamento dessa “nova” modalidade esportiva.

Nesse prosseguimento, em 26 de dezembro de 1972, a capoeira foi oficializada pela Confederação de Pugilismo através do seu departamento de Capoeira e em seguida homologada pelo (CND) Conselho Nacional de Desporto, entrando em vigor em 1º de janeiro de 1973. E nestes termos Hélio Bastos declara (2001, p. 48) “*As competições de capoeira foram estimuladas na Academia do Mestre Bimba através de torneios internos. No entanto, quem incitou essas competições no início da década de 70 foi a Federação Universitária Baiana (FUBE), com a realização dos campeonatos baianos*”.

Portanto considera-se que no decorrer dos anos de 1970, marca o período na história em que se organiza o modelo da capoeira esportiva, modificando-se a sua estrutura na organização de campeonatos com regras definidas em busca de um padrão atlético no qual a medalha seria a forma de premiação pelos resultados obtidos. Considera-se que os significados da capoeira no período supracitado veiculam-se em um “novo” paradigma alicerçado pela eficácia e pelo rendimento para concorrer com outras lutas que ganhavam prestígio na sociedade baiana.

### **1980 a 1990: a capoeira em debate e o avanço da sua relação com a sociedade**

Na concepção de Magalhães Filho (2011) os anos de 1980 foram marcados por profundas transformações no cenário político cultural brasileiro, as ações do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial influenciaram politicamente a nova

formação dos capoeiristas angolas, a estética de matriz africana passa a ser revalorizada e os projetos que acontecem com esse contexto são vivenciados de formas mais híbridas pela juventude negra. Para tanto, na sequência da década de 1980, surge um novo espaço, o “Forte de Santo António Além do Carmo” que de acordo com Magalhães Filho, contribuiu de forma decisiva com a revitalização da Capoeira Angola.<sup>7</sup>

Diante a esse processo de revitalização da Capoeira Angola, emerge uma questão em debate a partir das narrativas de Accordi (2019). “*Mestre Nô define 1980 e 81 como o ano em que a Capoeira Angola sofreu um ‘golpe, tendo seus idealizadores promovido uma ‘caça’ aos Mestres com o objetivo de ‘promover e resgatar’ a Capoeira Angola.*” (p.112). De acordo com o estudo do autor, esse projeto executou uma padronização sobre os elementos tradicionais embasados em uma única perspectiva, uma leitura específica e particular dos princípios organizativos do Centro Esportivo de Capoeira Angola, da época de Mestre Pastinha e de seu pensamento.

Como bem aponta Accordi (2019), enquanto alguns fundamentos foram escolhidos e apresentavam novos rumos para a Capoeira Angola, a transmissão desses saberes se estendia entre os anos de 1980 e 1990 como a Capoeira Angola tradicional. Um movimento que teve seu prosseguimento na virada do milênio principalmente para fora de Salvador, expandindo-se pelo Brasil e pelo mundo. Enquanto outras formas de tradições foram abandonadas. “*O ofuscamento da tradição Angoleira da Periferia teve consequências na prática dos Capoeiras desta região, que em grande medida tiveram suas práticas modificadas por esta tradição*” (2019, p. 113). Nesse sentido outras experiências de Capoeira Angola tão significativas do ponto de vista cultural quanto o CECA do Mestre Pastinha, quase foram sentenciadas ao esquecimento, não fossem alguns Mestres que se preocuparam em manter e ensinar o que aprenderam com seus Mestres.

Hélio Campos também comenta sobre a transformação da relação entre a capoeira e a sociedade, um processo que também se fortaleceu no decorrer dos anos 80, e aos poucos superou os preconceitos e a arte passou a ser praticada nas escolas abrangendo todas as camadas sociais. “*É inevitável afirmar que esta expansão se deve a dois aspectos relevantes*” (CAMPOS, 2001, p.47). Campos se refere ao caráter econômico da capoeira,

---

<sup>7</sup> MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. Jogo de discursos: a hegemonia da capoeira angola baiana. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado, 2011, p. 109 - 113.

pelo fato de configurar-se em uma atividade de baixo custo, no qual a sua prática pode acontecer em instalações simples. E pelo seu aspecto lúdico/cultural bem ajustado aos praticantes despertando grande interesse de interação entre as comunidades.

Em suma, a década de 1980 significou um período de avanço nas relações da capoeira com a sociedade, superando preconceitos e passando a ser praticadas com mais ênfase em outros setores. No entanto, é considerado um ciclo de diálogo entre os angolas que buscaram identificação da sua tradição com os comportamentos e os fundamentos da herança de Mestre Pastinha. E tudo leva a crer que falar em termos da Escola do Mestre Pastinha nos anos de 80, é a apropriação de um conceito de Capoeira Angola que se liga às questões que emergem nas ações do movimento negro dessa etapa.

### **1990 a 2000: De prática marginalizada e patrimônio imaterial**

Um fator marcante nesse recorte temporal foi a instituição do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro instaurado pelo Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000<sup>8</sup>. A prática da capoeira acrescida do período entre os anos de 1990 e 2000, extrapolou a fronteira nacional, estendendo-se a mais de uma centena de países o que potencializou ainda mais um maior sentido para a construção de uma política para sua salvaguarda. O desafio para o registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil acontecido na virada do milênio, era construir um diálogo entre o tempo histórico passado e a contemporaneidade mapeada por um amplo território geográfico.

Nesse entendimento foi produzido um reforçado imaginário em documentos, relacionando a prática da capoeira à escravidão rural, porém a manifestação fincou raízes nas áreas urbanas com perspectivas que remetia o seu desenvolvimento em cidades portuárias brasileiras. Nessa época, *“a capoeira era também um tipo de divertimento popular, uma brincadeira, e tinha muitos significados. Luta em diferentes situações, brincadeira de rua realizada nas folgas do serviço, nas festas de largo e até mesmo durante o trabalho”* (IPHAN, 2007, p. 37), o que aponta certa continuidade entre a capoeiragem oitocentista e a capoeira republicana em Salvador.

Em síntese o diálogo que se constrói com a cultura da capoeira considerando o seu significado e a sua importância nos recortes temporais no transcorrer do século XX,

---

<sup>8</sup> [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf)

destaca a importância dos Mestres Tradicionais enquanto guardiões e divulgadores da cultura brasileira perante o seu prolongamento no cenário nacional e internacional. Essa expectativa juntamente com um conjunto de encaminhamentos norteou-se “A roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira”, a serem reconhecidos, em 2008, como patrimônio cultural brasileiro.

### **Considerações finais**

Acompanhando as metamorfoses da capoeira ao longo do Século XX podemos observar que seu significado foi alterado de uma prática criminalizada, inclinado aos valores da desordem, para um discurso nacionalista que expressa valores da brasilidade através do ofício da roda e dos mestres de capoeira como patrimônio da cultura nacional. Ao longo deste processo, ela se imiscuiu às identidades sociais dos baianos demarcadas nas ruas, nos becos, nas praças, nos bairros, nos espaços à beira mar e nos ambientes de festas populares que compunham a geografia social de Salvador.

Considerando a conjuntura histórico social da Bahia juntamente com as mudanças no seu panorama, emergem novos espaços onde as relações intensificam a presença dos aprendizes oriundos das camadas médias e da elite da sociedade baiana, para interagir com as classes populares. São cenários que surgem também mediante aos adventos econômicos do turismo e o processo de esportivização, ampliando os espaços geográficos ocupados pela capoeira.

A extensão da prática dos espaços públicos para os estabelecimentos fechados, mudam-se as formas de organização, surgindo novos processos educativos de transmissão de saberes, regulamentos e estatutos para as escolas de capoeira. A partir de então, os núcleos de prática e ensinamento se institucionalizaram como os lugares legítimos para o ensino dessa manifestação cultural. Hoje a capoeira encontra-se disseminada na cidade. Dados da FGM dão conta da existência de 127 instituições de capoeira (entre escolas, fundações, associações e grupos) distribuídos em todas as regiões da cidade consequência desta experiência da cultura popular ao longo do Século XX.

### **Referências**

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Cultura popular e educação**: um estudo sobre capoeira. Revista da Faced. Salvador, n. 11, p. 201-214, jan/jun. 2007.

- ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ABREU, Frederico José de. **Capoeiras Bahia, século XIX: imaginário e documentação**. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005.
- ABREU, Frederico José de. **O barracão de mestre Waldemar**. Salvador: Zarabatana, 2003.
- ACCORDI, Leandro de Oliveira. **Memórias periféricas .... As narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola, educação e formação humana**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2019.
- ARAUJO, James Amorim. **Modernização capitalista e reprodução social da classe trabalhadora na periferia de Salvador: O Pero Vaz e as formas e práticas derivadas da escravidão**. SP: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2010.
- BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Palhas, 2001.
- BRASIL. **Roda de capoeira e ofício dos mestres de capoeira**/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília, DF: Iphan, 2014.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 – 1985)**: Ministério do Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.
- CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. **Encruzilhadas fotográficas de Marcel Gautherot: quando o corpo na capoeira é festa e labuta (1940-1960)**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- DIAS, Adriana Albert. **A malandragem da mandiga: o cotidiano dos capoeiras de Salvador na República Velha (1910 – 1925)**. Salvador: UFBA. Dissertação de mestrado. UFBA, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia da tradição da capoeira baiana**. Salvador: UFBA. Dissertação de mestrado. 2011.
- OLIVEIRA Josivaldo Pires de. **No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2005.
- PIRES, António Liberac Simões. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890 – 1937)**. Tocantins/Goiânia/Grafet, 2004.
- POCHAT, A.; SIMPLÍCIO, F.; DIACUÍ, N. [org.]. **A capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições**. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
- QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Progresso, 1916.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VIANNA, António. **Casos e coisas da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.
- VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.